

Clarice e Macabéa: representações do *bios* e da morte¹

Clarice y Macabéa: representación del bios y de la muerte

Clarice and Macabéa: representations of bios and death

Anny Caroline de Souza Marques²
Dr. Edgar César Nolasco³

Resumo

Este trabalho visa elaborar um perfil ficcional da escritora brasileira Clarice Lispector, fundamentado no recorte epistemológico crítico biográfico fronteiriço (NOLASCO, 2015), teorização cunhada por Edgar César Nolasco no texto “Crítica biográfica fronteiriça”. Para tal, realizaremos uma leitura eminentemente de caráter bibliográfico, relendo *A hora da estrela* (1997), romance em que Clarice narra, através do escritor Rodrigo S.M., a história de uma jovem nordestina de Alagoas, criada pela tia, na cidade do Rio de Janeiro. Em um primeiro momento, buscaremos abordar a figura da intelectual Clarice à luz dos postulados de Edward Said na obra *Representações do intelectual* (2005), bem como a política na escritora. Além disso, buscaremos articular esta relação crítica e intelectual com o *bios* da escritora na esteira das reflexões de Eneida Maria de Souza em *Janelas indiscretas* (2011). Vale salientar que esta discussão emerge da fronteira-Sul, que é tanto territorial quanto epistemológica, e está atravessada por nossas sensibilidades biográficas (NOLASCO, 2015) enquanto sujeitos que pensam e articulam uma leitura acerca da escritora brasileira a partir deste lugar. Como resultado, espera-se contemplar a figura da intelectual, distanciando-a das imagens atribuídas a ela e à sua obra como “literatura de mulherzinha”. Esse texto respalda-se em teóricos, dentro outros, como Edgar César Nolasco, Eneida Maria de Souza, Walter Mignolo, Edward Said, Silviano Santiago e Nádia Battella Gotlib. Algumas obras que contribuirão para a discussão proposta aqui são: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, *Crítica cult* (2002), *Janelas indiscretas* (2011), *Representações do intelectual* (2005), *Histórias locais/projetos globais* (2003), *A louca da casa* (2004), *Clarice uma vida que se conta* (2010).

Palavras-chaves: *A hora da estrela*; Crítica biográfica fronteiriça; Intelectual;

Resumen

Este trabajo visa elaborar un perfil ficcional de la escritora brasileña Clarice Lispector, basado en el recorte epistemológico crítico biográfico fronterizo (NOLASCO, 2015), teorización hecha por Edgar César Nolasco en el texto “Crítica biográfica fronteiriça”. Así, realizaremos una lectura de carácter bibliográfico, relejendo *A hora da estrela* (1997), novela en que Clarice narra, a través del escritor Rodrigo S. M., la historia de una joven nordestina de Alagoas, creada por su tía, en la ciudad de Rio de Janeiro. En el primer momento, buscamos abordar la figura de la intelectual Clarice en los postulados del crítico Edward Said en la obra *Representações do intelectual* (2005) y también la política en la escritora. Además, buscamos articular esta relación crítica e intelectual con el *bios* de la escritora en las reflexiones de Eneida Maria de Souza en *Janelas indiscretas* (2011). Vale destacar que esta discusión emerge de la frontera-Sur, que es tanto territorial cuanto epistemológica, y está atravesada por nuestras sensibilidades biográficas (NOLASCO, 2015) en cuanto sujetos que piensan y articulan una lectura acerca de la escritora brasileña a partir de este sitio. Como resultado, esperase contemplar la figura de la intelectual, la distanciando de las imágenes atribuidas a ella y a su obra como “literatura de mujercita”. Ese texto está basado en teóricos, dentro otros, como Edgar César Nolasco, Eneida Maria de Souza, Walter Mignolo,

¹ Artigo apresentado no Simpósio Temático (ST 05 - Fronteiras Culturais em Contextos Epistêmicos Descoloniais – II) durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

² Graduanda em Letras Habilitação em Português e Espanhol; Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; annymaarkes@gmail.com.

³ Doutor em Teoria da Literatura; Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

Edward Said, Silviano Santiago y Nádía Battella Gotlib. Algumas obras que contribuirán para esta discusión proposta aquí son: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, *Crítica cult* (2002), *Janelas indiscretas* (2011), *Representações do intelectual* (2005), *Histórias locais/projetos globais* (2003), *A louca da casa* (2004), *Clarice uma vida que se conta* (2010).

Palabras-claves: *A hora da estrela*; Crítica biográfica fronteriza; Intelectual;

Abstract

This work looks forward to elaborate a fictional profile of the Brazilian writer Clarice Lispector, based on the frontier critical biographical epistemological cut (NOLASCO, 2015), theory made by Edgar Cézár Nolasco in the text “Crítica biográfica fronteiriça”. For that, we will develop a bibliographical reading, rereading *A hora da estrela* (1997), the novel in which Clarice narrates, through the writer Rodrigo S. M., the story of a young lady from Alagoas, raised by her aunt, in Rio de Janeiro. In a first moment, we will seek to approach the image of the intellectual Clarice under Edward Said’s postulates in the work *Representações do intelectual* (2005), as well as politics on Clarice. Furthermore, we will join these critical and intellectual relations with Clarice Lispector’s *bios* under the reflections of Eneida Maria de Souza in *Janelas indiscretas* (2011). It is worth pointing out that this discussion comes from the South border, which is as territorial as epistemological, and is crossed by our biographical sensitivities (NOLASCO, 2015) while subjects who think and articulate a reading about the Brazilian writer from this place. As result, we expect to contemplate Clarice’s image, distancing her from the images given her and her work as “chick lit”. This text is based on theorists, within others, as Edgar Cézár Nolasco, Eneida Maria de Souza, Walter Mignolo, Edward Said, Silviano Santiago and Nádía Battella Gotlib. Some works that will contribute with the discussion proposed here are: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, *Crítica cult* (2002), *Janelas indiscretas* (2011), *Representações do intelectual* (2005), *Histórias locais/projetos globais* (2003), *A louca da casa* (2004), *Clarice, uma vida que se conta* (2010).

Key words: *A hora da estrela*; Frontier biographical criticism; Intellectual.

Clarice Lispector, escritora brasileira conhecida e estudada em outros países devido ao seu trabalho mundialmente reconhecido. Alguns talvez pensem sobre o que ainda há para estudar de Clarice Lispector, já tendo passado mais de 40 anos de sua morte. Entretanto, a resposta é clara, pois cada leitura é uma nova leitura e uma nova experiência. Assim, neste trabalho visaremos elaborar um perfil intelectual da autora a partir de nossa leitura singular à luz da Crítica Biográfica Fronteiriça. Mas, antes, de maneira concisa, abordaremos o que é essa teorização.

Segundo Edgar Cézár Nolasco, pesquisador que cunhou tal teorização, explica, em seu texto “Crítica Biográfica Fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia)”, a Crítica Biográfica Fronteiriça:

Trata-se do que passo a denominar de (bios = vida + lócus = lugar) biolócus. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do bios (quer seja do ‘objeto’ em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta). Nessa direção, pensar a partir da fronteira-Sul faz, sim, toda a diferença colonial. (NOLASCO, 2015, p. 50)

Dessa maneira, compreendemos que a partir dessa conceituação, podemos levar em conta tanto o que é da ordem do *bios* (vida), quanto da ordem do lócus enunciativo. Posto isso, Nolasco (2015) complementa:

uma teorização de ordem biográfica fronteira, como estou propondo aqui, não menospreza os saberes advindos da vida do local em questão, mesmo quando se tem consciência de que já existe toda uma articulação epistemológica outra pensada desses lugares outros que permaneceram no fora do sistema colonial moderno. (NOLASCO, 2015, p. 52)

Assim, portanto, não deixaremos de marcar a partir de que lócus pensamos e escrevemos a discussão proposta aqui: localizados na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), no Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). Porém, é preciso salientar que “esse lócus biográfico e discursivo se trata” não somente “de uma *localização* geográfica”, mas também “epistemológica”. (NOLASCO, 2016, p. 53)

Então, a partir da fronteira-Sul, realizamos uma leitura singular, como já mencionado, da última produção da escritora, *A hora da Estrela* (1977). Embora na esfera escolar e acadêmica, o nome Clarice Lispector, entre outros, compõe a tradição literária, pensar a escritora brasileira como intelectual na esteira de Said (2005) é estabelecer um novo olhar à mesma. Nos postulados de Said (2005), atribuímos as principais concepções do intelectual à *persona* Clarice e ilustramos tal imagem através de sua vida e obra. Não excluindo, assim, nossas sensibilidades biográficas (NOLASCO, 2015) de leitor, pesquisador, intelectual.

Clarice surpreendeu a crítica com *A hora da estrela*, no qual problematizou questões sociais, como a marginalização daqueles de condições miseráveis. Seus trabalhos não eram reconhecidos por essa temática. Porém, segundo Edgar César Nolasco em *Caldo de Cultura* (2007), Clarice em “sua literatura propõe, no mínimo, rediscutir conceitos hegemônicos e excludentes que repousam na Cultura e na letra” (NOLASCO, 2007, p. 19).

No ensaio “Representação e performance na literatura contemporânea” de Luciene Azevedo, a autora menciona Benjamin, declarando que para ele “era importante que a solidariedade do artista fosse também material, além de ser tema da sua arte ou significar uma atitude política do artista” (AZEVEDO, 2007, p. 204).

Reiteramos que a escritora não tematizou suas obras com questões políticas e sociais. Pelo contrário, a mesma voltava-se ao ser humano com suas angústias e indagações perturbadoras sobre existencialismo. Mas, coincidência ou não, encerrou suas produções com esta novela provocando em nós leitores “uma fisgada funda em plena boca” (LISPECTOR,

1998, p. 11), semelhante à dor de dente que acompanha Macabéa durante todo a novela. Dessa maneira, a provocação concretizou-se em uma “atitude política” da artista.

Na esteira de Said (2005) as concepções acerca do intelectual que foram discutidas nas Conferências Reith, em 1993, são apresentadas em seis partes, nas quais aborda o intelectual marcado pelo distanciamento das nações e tradições; pelo exílio intelectual; pelos profissionais, amadores e marginais, bem como discorre sobre falar a verdade ao poder e deuses que sempre falham.

Por tudo seu livro, Said aponta as várias características atribuídas por ele à figura do intelectual. Destas subtrairemos concepções, *grosso modo*, observadas na escritora brasileira para elaborarmos o perfil intelectual da mesma.

Quando Said (2005) aponta as razões para o distanciamento das tradições, observamos que o intelectual não tem como objetivo endossar uma ideia hegemonia advinda dos centros, ou seja, sua principal tarefa como intelectual é desconstruir tais ideias também chamada de tradição⁴. Clarice é uma escritora que foge à regra e à tradição por excelência, a ponto de ter um crítico que a nominou de “escritora desafortunada” (SANTIAGO).

Outra característica na qual podemos nos deter é a condição do intelectual. Esta, na esteira de Said (2005), está inserido em uma realidade inevitável, como explica:

Mas não há como evitar a realidade inescapável de que tais representações por intelectuais não vão trazer-lhes amigos em altos cargos nem lhes conceder honras oficiais. É uma condição solitária, sim, mas é sempre melhor do que uma tolerância gregária para com o estado das coisas. (SAID, 2005, p. 17)

Assim, todo intelectual está sujeito à condição solitária. Clarice, em sua obra, narra através do escritor Rodrigo S. M. que sua “força está na solidão” (LISPECTOR, 1998, p. 18). Ao aproximarmos a escritora brasileira de sua persona ficcional Rodrigo S. M., podemos estabelecer uma relação metafórica entre ambos.

Clarice narra a história de Macabéa, a qual é uma pobre nordestina, órfã, criada pela tia beata que pouco antes de falecer leva a jovem para o Rio de Janeiro para sobreviver. Mesmo na cidade grande, habita as mazelas da cidade morando em uma simples pensão, trabalha como datilógrafa e alimenta-se apenas de cachorro quente e bebe *Coca-cola*. Sem contar, é claro, com seus poucos hábitos de higiene.

Compreende-se, então, na conferência de Said, que “a questão central” [...] “é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e

⁴ Cf. *Representações do Intelectual*, Edward W. Said.

articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (SAID, 2005, p. 25).

Clarice representou, encenou seu corpo na escritura, articulou sua mensagem, seu ponto de vista, não permanecendo estagnada; antes tomou uma atitude tanto filosófica quanto de opinião pessoal. Para tal vocação, lemos que para representar os fracos, ou melhor, se “alinhar aos fracos”, o intelectual deve:

Não tenho nenhuma dúvida de que o intelectual deve alinhar-se aos fracos e aos que não têm representação. Robin Hood, dirão alguns. No entanto, sua tarefa não é nada simples e, por isso, não pode ser facilmente rejeitada como se fosse idealismo romântico. No fundo, o intelectual, no sentido que dou à palavra, não é nem um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que emprenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando ativamente dizer isso em público. (SAID, 2005, p. 35-36)

Representando, assim, os fracos, trabalhar em um texto a condição de um povo, por meio da linguagem, a última coisa que se espera é causar prazer na leitura. O intelectual saidiano promove o embaraço, conforme explicado:

Tampouco existe somente um intelectual público, alguém que atua apenas como uma figura de proa, porta-voz ou símbolo de uma causa, movimento ou posição. Há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito. O que o intelectual menos deveria fazer é atuar para que seu público se sinta bem: o importante é causar embaraço ser do contra e até mesmo desagradável. (SAID, 2005, p. 26-27)

Clarice, ao narrar sobre a pobre jovem nordestina, salienta que tal ato:

não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. Sabendo, no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente as sociedade que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo à máquina. (LISPECTOR, 1998, p. 20)

Observamos que essa passagem narrada contribui para mais um elemento destacado por Said (2005), que comenta: “nesse sentido, penso que a tarefa do intelectual é universalizar de forma explícita os conflitos e as crises, dar maior alcance humano à dor de um determinado povo ou nação, associar essa experiência ao sofrimento de outros” (SAID, 2005, p. 53).

O estranhamento, o embaraço, o conflito explícito, crises, dor humana tornam-se públicos também por meio de Clarice. A mesma se vale da língua, a qual para o intelectual tem grande peso. Said (2005) argumenta que “saber como usar bem a língua e saber quando intervir por meio dela são duas características essenciais da ação intelectual” (SAID, 2005, p. 33).

A novela *A hora da estrela* teve por objetivo *dar maior alcance humano à dor de um determinado povo ou nação?* Não sabemos. Mas, em **Clarice fotobiografia**, de Nádya B. Gotlib, Clarice afirma “o que tudo fiz tinha como núcleo minha real união com o país e que não possuo, nem elegeria, outra pátria senão o Brasil.” (LISPECTOR apud GOTLIB, 2008, p. 147). Em vista disso, é possível depreendermos que a temática nacional foi importante para ela.

Uma prova disso é a carta escrita pela mesma ao Presidente da República, na época Getúlio Vargas (03 de junho de 1942), na qual solicita dispensa do prazo de um ano que se exigia para a obtenção da naturalização. Na carta dizia:

Quem lhe escreve é [...] Uma russa de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo, mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos do seu futuro, próximo ou longínquo. (LISPECTOR apud GOTLIB, 2008, p.147)

Dessa maneira, reiteramos que Clarice considerava-se brasileira; mesmo assim, outra imagem que circula em torno de Clarice é de a sua origem judia. Segundo Nolasco (2007), é possível estabelecer uma relação de travessia entre Clarice e Macabéa:

A travessia retirante de Macabéa espelha, de forma espetacular, tanto a travessia bíblica dos Macabeus, quanto a travessia pessoal da própria escritora Clarice Lispector. Reconheço, entretanto, que, apesar de trata-la aqui de forma separadas, a travessia biográfica da escritora já se encontra, historicamente falando, dentro da travessia dos judeus/macabeus [...] Entendo que mesmo a aproximação da história de Macabéa com a dos Macabeus já se dá atravessada pela história de vida da escritora. Logo, ler aquelas implica ler esta, mesmo que metaforicamente. (NOLASCO, 2007, p. 21-22)

No enredo, Macabéa, criada pela tia beata na cidade de Recife, em que esta, um pouco antes de morrer, leva a sobrinha para o Rio de Janeiro para sobreviver à miséria do nordeste. Essas passagens se assemelham com o percurso realizado por Clarice também. A jovem nordestina teve seu nome inspirado nos macabeus. Origem essa também da escritora. Como

vimos, Clarice emigrou de seu país de origem para o Brasil a fim de fugir da perseguição aos judeus. No Brasil desembarca em Maceió, tempos depois se muda para o Recife, onde perde a mãe. Quando adolescente, segue ao Rio de Janeiro com o pai e as irmãs.

Nessa direção, nota-se o paralelo entre a história dos judeus, sendo Clarice uma judia, enquanto Macabéa, de origem brasileira, especificamente de Alagoas, também abandonou seu lugar de origem, fugindo das dificuldades para ganhar a vida na cidade grande. No caso, o Rio de Janeiro, assim como a escritora quando jovem. A moça nordestina, Macabéa, nunca existiu de carne e osso, contudo, por detrás dela, existiu a história ou parte dela na escritora Clarice que deu vida à personagem, sendo esta história “verdadeira embora inventada” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

A travessia também tem relação com a *bios* do sujeito crítico, do corpo que pensa e escreve a partir da crítica biográfica fronteira que propomos aqui. Assim, a discussão não dissocia as sensibilidades biográficas (NOLASCO, 2015) do sujeito crítico. Muito pelo contrário, aqui estabelecemos um emaranhado de corpos e histórias. Emaranhado no qual é possível depreender/encontrar Clarice, Macabéa e nós. Esses corpos de vivências, aparentemente, distintas, mas que, no entrando, aproximam-se no decorrer da amizade que lhes foi criada durante o percurso o qual um pesquisador crítico biográfico fronteira percorre com seu objeto de estudo.

Clarice relata em certo momento de sua vida que nunca se considerou russa, pois nem ao menos deu seus primeiros passos na terra que nasceu. Mas e seus primeiros passos, onde foram? Esses foram dados no Brasil, país o qual a acolhera de uma ferrenha e triste perseguição de raças. Foi vítima de algo que não entendia.

E a personagem Macabéa. “Maca o quê? – Béa, respondeu a moça a Olímpio”, seu futuro namorado. Na ficção de *A hora da estrela*, a principal personagem é uma nordestina miserável. Depreendemos, assim, a partir de nossa leitura que o plano de fundo da novela foram as vivências de Clarice, pois “quando jovem se criou no Nordeste”.

Macabéa narrada por Clarice também passou pela travessia. Travessia essa já atribuída ao seu próprio nome, pois faz referência ao povo judeu, como já mencionado. Macabéa saiu de Alagoas com destino ao Rio de Janeiro fugindo da miséria que vivia. Respaldados em Eneida Maria de Souza (2011), é possível afirmar que a escritora, ao falar do outro, fala de si⁵. Mediante isso, não deixamos de salientar que os pontos discutidos acerca do *bios* da escritora

⁵ Cf. *Janelas Indiscretas*, de Eneida Maria de Souza.

também perpassam pelo sujeito crítico, ou melhor, por seu corpo, que se enovela e se diz na teorização crítica que marca e diferencia o discurso da crítica biográfica fronteiriça.

A travessia é algo presente na vida de um brasileiro. Talvez não no quesito perseguição, como ocorreu com Clarice, mas pela sobrevivência da família. Aproximamo-nos de Clarice pelo deslocamento geográfico e cultural antes mesmo de darmos os primeiros passos. Transitar por locais diferentes, com pessoas diferentes, cultura e sotaques diferentes. Esse deslocamento é quase sempre por razões de trabalho, ou melhor, de sobrevivência de famílias, num país tão imenso e diferente como o é o Brasil.

Essa relação de amizade, na qual nos unimos a Clarice aqui, se aproxima e se distancia. A teorização da Crítica Biográfica Fronteiriça que permite o *por vir*. Ou seja, a morte tomou Clarice e Macabéa. Mas e o que restou? Esquecimento? De forma alguma. Restou o *por vir*. Clarice, como já mencionado, fora uma *válvula de escape* a qual faz chegar aos ricos e letrados a situação do pobre, tanto é que uma prova disso são os países estrangeiros que, ao longo dos anos, usufruiu de uma literatura brasileira a qual tratava apenas de aspectos negativos do povo brasileiro, Clarice, rompeu esse hábito. A “literatura de mulherzinha” de cunho pejorativo não coube a Clarice, embora, tenha tido tentativas falhas.

Através de Rodrigo S.M., Clarice exteriorizava, como intelectual que fora, seu ato político. Ao descrever o momento em que Macabéa é mandada embora da empresa em que trabalha como datilógrafa com brutalidade pelo chefe da firma de representante de roldanas, narra que este agia com brutalidade “que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa” (LISPECTOR, 1998, p. 24). A descrição de Macabéa como rosto que pede tapa, leva-nos a pensar que o sentimento básico que as injustiças sociais despertavam em Clarice a motivavam agir.

Clarice foi e continua sendo portadora da voz e lugar daqueles que são silenciados pelo poder hegemônico, no que concerne a fazer o leitor de seu livro olhar para a população marginalizada. De acordo com o narrador Rodrigo S.M./Clarice, a intelectual age como “válvula de escape” dos marginalizados, conforme lemos:

Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia (CHIAPPINI, 1996, p. 63).

Dessa maneira, segundo Chiappini, “Clarice indaga, investiga, problematiza, e, indiferentemente, aponta, retrata, denuncia” (CHIAPPINI, 1996, p. 63). A escritora brasileira, por meio da escrita, discorreu sobre as mazelas da sociedade. Ao ler seus diversos trabalhos e

estudar sua biografia, não é de surpreender que *A hora da estrela* seja um grito por aqueles inferiorizados. Mesmo depreendendo essas noções a partir de nossa leitura da obra, sabemos que Clarice sempre negou escrever literatura, negou ser intelectual e principalmente negou que a literatura era a coisa mais importante em sua vida.

Referências

AZEVEDO, Luciene. Representação e performance na literatura contemporânea. In: *CERRADOS*: revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura – Vol. 1, N. 1. Tema: Literatura e presença: Clarice Lispector. Brasília – DF: Universidade de Brasília, 2007, p. 203-217.

CHIAPPINI, Lígia. Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar: leitura de Clarice Lispector. In: *Literatura e sociedade*. ISSN 1413-2982. São Paulo, 1996, p. 60-80.

GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice fotobiografia*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

NOLASCO. *Caldo de Cultura*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.